

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

REALIZA-SE no próximo dia 10 de Junho, no Stand da Ajuda, um grandioso torneio de tiro aos pratos, para disputa de três valiosas e artísticas taças e doze medalhas.

O produto liquido reverte a favor do fundo para o custeio da viagem aérea Lisboa-Timor, que o arrojado aviador tenente Humberto da Cruz se propõe realizar.

Espera-se a inscrição dos melhores atiradores portugueses.

Durante as provas voarão sobre o Stand alguns aparelhos tripulados por distintos camaradas do Tenente Humberto da Cruz.

UMA joven indiana, que tentava hipnotizar um crocodilo, num parque de diversões em Estocolmo, foi atacada pelo reptil que lhe apauhou a cabeça. A rapariga, vertendo sangue com abundância, conseguiu escapar, com grande dificuldade, a morte, diante da numerosa assistência.

HOJE no Belém-Club pelas 22 horas, terá lugar mais uma interessante festa. A Troupe Artistica Ginamax fará subir à cena a opereta em 2 actos «Ingénua dos Olivais», seguindo-se um Acto de Variedades, pela mesma Troupe, que apresentará Bailados excêntricos e regionais, Canções, Sambahas e Cançonetas.

No final terá lugar um Baile abrilhantado por uma magnífica orquestra.

O nosso presado amigo Sr. Dr. Mario Monteiro, vai publicar aos sábados um panfleto de crítica, que será exclusivamente escrito por ele, e que terá o título «O Chiado». Auguramos-lhe um feliz aparecimento.

POR não termos espaço, só no proximo número publicaremos uma interessante crónica do jovem colaborador Botelho de Lemos, aluno da Casa Pia, e que revela possuir grande habilidade e inteligência.

O Estado acabará com as barracas de lata

Há sítios em Lisboa tam desamparados, tam miseráveis, que o sol, ao morrer da tarde, parece ter uma agonia mais lenta e amargurada. São sítios infelizes, como certos párias para quem a vida é sempre hostil e dura. Nunca a primavera lhes sorri — e uma constante nuvem de tristeza cobre o céu, roubando-lhes o azul etéreo e luminoso, furtando-lhes a alegria bemfazeja da luz.

Quem num dia de tédio, tivesse deambulado pelas ruas dèsses bairros de miséria sombria formado por êsses nomes bizarros de Cascalleira, Monte Prado, Alto dos Sete Moinhos, e de entre outros que existem na nossa frêguesia, o Casal dos Ossos, teria sentido, decerto, a impressão dolorosa de que no mundo não há alegria e que a Terra é um imenso túmulo frio e sombrio, sem a mais leve menção dum carinho.

Tudo pobreza! As casas torcidas e mal equilibradas parecem êbrios e os telhados originaes feitos de tampas de latas que a chuva enferrujou, evocam os fatos remendados e sujos dos seus moradores.

Durante o dia, o rapazio, semi-nú — desde o tenro bebé sujo como um suino, pernas ao léo, os cabelos louros e emaranhados, até ao garotão que fuma pontas de cigarro e joga a «pedida» nos desvãos — salta, berra, assobia e apupa o raro transeunte que ali se perde.

Há, de quando em quando, mulheres desgrenhadas que se insultam de porta para porta. A's vezes, dos insultos, passam á agressão, puxando-se mutuamente os cabelos, enquanto a garotada atira chufas e apupos, aos que tentam metê-los na ordem.

Existem ali familias, desde as crianças mais tenras aos velhos cansados, que passam os dias estendidos sobre um esfarrapado tapete infecto — escolhendo trapo. Dêsses montes de podridão exala-se um fétido que se espalha na atmosfera e paira sobre os casebres. É quando o ar é pôdre, que admira que as almas apodreçam também? Não se pode estranhar que um outro degenerado por lá se acóite. E não temos coragem para exigir ali almas perfectas.

E então quando começa a escurecer, o ambiente torna-se ainda mais triste.

Assim tem vivido essa gente há bastantes anos. Porém, tais estrumeiras humanas, vão acabar, porque o Estado, está empenhado em fazer construir em vários pontos, grande quantidade de habitações, e portanto a seguir, mandará demolir todas essas choupanas. Alegra-nos tal facto, e não regateamos os nossos maiores aplausos a obra tam grandiosa, que estamos convencidos, se conseguirá dentro em breve.

A C. P. lança êste ano, novamente, os expressos populares, iniciativa coroada de êxito brilhante no ano findo. Realiza-se já amanhã o primeiro, à cidade universitária de Coimbra.

Com a aproximação do verão e os jogos do Campeonato de Portugal, que ora começam, se a C. P. tiver o senso de fazer coincidir a realização dos seus expressos com as cidades onde se effectuam jogos importantes, afigura-se-nos êxito garantido. E os desportistas teriam oportunidade de prestar apoio moral aos clubs seus preferidos, e ao mesmo tempo de fazer umas digressões turísticas que estão dentro das possibilidades de quasi toda a gente.

CONTINÚA em estado ultra-lastimoso o leito da Travessa da Boa Hora. Parece que passou por a um cataclismo, tal a devastação que apresenta o seu chão esburacado. Já não pedimos que a rua seja reparada totalmente. Bastava que a Camara mandasse deitar umas carroçadas de entulho nas covas mais fundas — e isto não é pedir muito.

E' com a maior satisfação que noticiamos encontrar-se em vias de restabelecimento da grave doença que durante muito tempo a reteve no leito, a Sr.ª D. Maria Lameiras Costa, que por intermédio do nosso jornal, agradece a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado.

A seu pai, o nosso querido amigo Sr. Felicissimo Costa, apresentamos o testemunho do nosso grande contentamento.

A simpática Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda, comemora amanhã a passagem do 51.º aniversário da sua fundação. De manhã haverá uma piedosa romagem ás campas dos bombeiros falecidos e á tarde realiza-se uma sessão solene presidida pelo Sr. Governador Civil.

«O Comércio da Ajuda» saudá, por tal motivo, a prestigiosa e humanitária corporação.

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

8 - 5 - 934

ELE... e o seu pensamento

Figura verdadeiramente grande, e tão fulgurante, a de Sebastião José de Carvalho e Melo, que jámais houve ou nos parece haver, no mundo homem dos que legaram á posteridade o seu nome, que consiga perpetuar na pedra e no bronze a sua effigie e bem assim os actos, acções, bem como o pensamento dominante de elevação de uma sociedade, corroida pelo espirito que então dominava e que era o *domínio do grande sobre o julgado inferior*.

De facto o Senhor Conde de Oeiras, é-nos apresentado em multiplas pedras, na cidade de Lisboa, que elle reconstruiu ou fez reconstruir, demonstrando-nos nestas, todas as suas obras e intenções.

Vistas e estudadas conscientemente, (segundo a nossa opinião) as diversas pedras que atestam a passagem do Marquês de Pombal, pelas cadeiras do poder, julgamos nós, ser elle, um ente privilegiado, e que se nos apresenta, se não superior, ao menos igual a Filipe da Macedonia, Cronwell, Richelieu e finalmente ao sábio-previdente que se chamou Solon da antiga Grécia.

Não cabe nestas despretenciosas linhas discutir ou exaltar obra de tanta monta; tam pouco pretendemos enaltecer ou apoucar a figura de Pombal, visto que apesar de já terem passado algumas dezenas de anos, ainda a sua figura e actos acarretam discussões apaixonadas, com a agravante de não nos considerarmos suficientemente documentados e com competencia para o fazer sem errar, além de que outros o têm já feito.

Mas, sem desprimôr para ninguém, nem tam pouco para a figura neste artigo invocada, seja-nos licito apresentar aos habitantes da freguesia da Ajuda, o Conde de Oeiras, (que próximo da nossa terra tinha o seu condado), como um dos individuos que julgavam ser os terrenos da nossa freguesia, próprios e resistentes aos

abalos sismicos. visto que, a sua constituição estava posta há muito á prova, segundo se pode ainda verificar, visto desconhecer-se a data provável do desaparecimento ou infiltração das águas que constituiu o hoje chamado Rio Sêco.

A comprovar esta nossa última versão, está o facto recente das Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade, terem perfurado o terreno no local onde têm instalada a sua fábrica Tejo e a algumas dezenas de metros terem obtido um caudal de água «muito boa e própria para consumo», caudal esse tam importante cujo excesso das necessidades dessa Companhia já serviu para o abastecimento da Companhia das Águas.

Dando de barato que precipitadamente a fuga de Lisboa para os terrenos não affectados pelo cataclismo de 1755 se fizesse sem ordem alguma, não é licito supôr que a transferência para os terrenos da Ajuda, da familia Real, se fizesse sem um prévio e minucioso estudo das condições geológicas, visto que não é impunemente que se procura local para o acantonamento dos supremos Poderes do Estado.

Quereria o Sr. Donatário de Oeiras valorizar o seu condado? E' muito possivel, mas a nós não o compete averiguar, e, se guardamos na nossa freguesia as cinzas desse grande homem seja-nos permitido o homenagem-lo, tentando demonstrar aos habitantes da freguesia da Ajuda que o pensamento do grande Marquez era transferir para os terrenos desta freguesia o eixo da Capital, de uma grande cidade, visto que nesse terreno encontrava todas as condições necessárias á vida e ao desenvolvimento.

Sejam pois estas palavras a saudação que os homens de «O Comércio da Ajuda» prestam á memória do grande reformador.

Viriato P. A. Silva.

ALFREDO DUARTE RESINA

Fez no passado dia 8 um ano, que desapareceu do nosso convívio, o malogrado Alfredo Duarte Resina, que na flor da vida foi arrebatado aos carinhos da familia e á amisade dos seus inúmeros amigos.

Entristece-nos recordar o fatidico dia. Recordamos as lágrimas sentidas que vimos cair insistentemente dos olhos de centenas de pessoas, que o acompanharam á sepultura.



Sua familia, comemorando o triste aniversário, mandou rezar uma missa na igreja dos Jerónimos, sufragando a sua alma. Não foram feitos convites, mas, apesar disso, a capela encontrava-se repleta de pessoas que assim quizeram testemunhar á familia do extinto, que se não esqueceram daquele que em vida tantas simpatias contou.

No final do acto religioso, foram distribuidas esmolas a grande número de pobres que se encontravam no átrio da igreja.

E decorrido um ano do triste acontecimento, abraçamos com o mesmo sentimento desse dia, o nosso querido camarada de redacção, Francisco Duarte Resina, ao mesmo tempo que apresentamos a sua Ex.^{ma} familia, os nossos cumprimentos.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mas} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEJA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno ás segundas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telef. B. 456

DESPORTOS

Football

Realizam-se amanhã os jogos da primeira eliminatória do Campeonato de Portugal de football. Lisboa entra na grandiosa competição com sete representantes — seis lisboetas de Lisboa e um lisboeta do Barreiro...

Dos representantes da Capital, quatro vão disputar extra-muros os seus jogos. Assim, o Barreirense defronta-se no Porto com o Leixões Sport Club e o Carcavelinhos encontra-se no Barreiro com o Seixal S. C. Em Setubal, será oposto ao Chelas o Comércio e Industria, dessa cidade. Em Coimbra, o União, de Lisboa, defrontar-se-á com o seu homónimo da cidade universitária.

Nos quatro jogos vai o favoritismo para os representantes da capital.

O Barreirense não terá dificuldade de maior em desembaraçar-se do Leixões. Idem idem o Carcavelinhos.

Os outros dois jogos apresentam-se mais equilibrados, pelo relativo nivelamento de valores dos clubes que se encontram. O União Lisboa, possuidor duma toada consciente e definida, deve sair vencedor, bem como o Chelas, qualquer deles mais habituados aos grandes jogos, pela luta in-campeonato com os melhores clubes da capital.

Em Lisboa, no Campo das Amoreiras, realizam-se os três restantes jogos (dos representantes de Lisboa) desta primeira «saída» da competição de honra do Campeonato Nacional.

O Benfica encontra-se com o Luzitano, de Evora. O Club vermelho não tem presentemente uma boa equipa e as suas últimas exhibições têm peado pela irregularidade. Deve no entanto sair vencedor, sem esforço de maior.

Outro tanto deverá succeder ao Sporting no seu jogo com o Atlético Club Marinhense.

O Belenenses encontra-se com um club do Algarve. A equipa azul, dadas as suas duas últimas excelentes exhibições contra o Barreirense e F. C. Porto, parece querer honrar mais uma vez as suas brilhantes tradições no campeonato nacional. Enfim, daqui vaticinamos, sem excepção, o favoritismo a todos os representantes de Lisboa.

O desafio Belenenses-Algarve é o mais importante da jornada. O Belenenses, se perdesse, a sua eliminação, nesta altura do campeonato de Portugal, causaria tanta celeuma como se amanhã, na Rotunda, amanhecesse, deitado abaixo, o monumento ao Marquez de Pombal...

Af. Aço.

.....
Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Virgílio Lopes de Paula

AGRADECIMENTO

Maria Lameiras Costa, quasi restabelecida duma grave doença vem testemunhar publicamente a sua profunda gratidão, para com o Ex.^{mo} Sr. Dr. Virgílio Paula, que abnegadamente a tratou, lutando porfiadamente com a enfermidade e pondo bem á prova a sua alta ciência, salvando-a.

Que a modéstia de S. Ex.^a perdõe estas palavras, da que lhe ficará eternamente reconhecida

Instalações electricas a prestações

Executa Américo Heitor Dias Electricista

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade

Instalações até 24 prestações
Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167-169, B. Telef. 552, onde serão atendidos com a máxima urgência

RIO SECO SPORTING CLUB

Lá fomos em 6 do corrente assistir á festa do 2.^o aniversário da inauguração da sua Escola Primária.

Bastante concorrida essa colectividade nêsse dia de festa, deve-se sentir satisfeita pela comparação de elementos representativos dos meios recreativos, desportivos, culturais e jornalísticos.

Do programa constava exposição de trabalhos escolares, merenda ás creanças e sessão solene.

Tudo foi como deve ser feito e como é timbre do R. S. S. C., que conscienciosamente sabe que «tem feito mais do que cumprir com o seu dever».

Ocioso se torna relatar o que lá se passou, pois todos foram lá para saudar o R. S. S. C. e o fizeram com elevação.

O nosso jornal, conscio de que devia associar-se á manifestação de simpatia ali enviou um seu representante com a missão especial de oferecer um ramo de flores da freguesia da Ajuda á Ex.^{ma} Professora que colabora na obra eminentemente altruista do R. S. S. C.

Depois da sessão solene foi oferecido pela direcção aos representantes das colectividades e Imprensa um Porto de Honra, no qual além de se terem feito as triviais saudes e agradecimentos se fizeram interessantes sugestões que muito nobilitam os individuos que aos meios recreativo, desportivo e educativo dão uma parcela do seu valor.

Felizmente para todos nós o espirito de solidariedade se vai manifestando de uma forma concreta.

E assim terminou a interessante festa, a que nós associámos com o maior prazer.

TRANSPORTES DO ALTINHO

A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mão e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 - LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade a preços razoaveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}

PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: . da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 - LISBOA

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

Se queiréis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 213 a 216, Telef. Belem 553 (antiga Merceria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

As Colónias Portuguesas

Já dissemos o necessário, para illudação dos leitores do pequeno «O Comércio da Ajuda» sobre as colónias de Cabo Verde e Guiné; vamos agora occupar-nos de S. Tomé e Príncipe.

Como se sabe, a colonia de S. Tomé e Príncipe é constituída pelas duas ilhas do mesmo nome e mais um pequeno ilheu denominado das «Rolas». Foram ambas descobertas por João Santarém e Pedro Escobar, respectivamente, em 21 de Dezembro de 1470 e 17 de Janeiro de 1471.

Devido, talvez, ao facto de ficarem situadas na zona equatorial e também por aquella época os governantes se acharem atacados do furor dos grandes descobrimentos, a descoberta de S. Tomé e Príncipe, quasi que passou despercebida, pelo que lhes não foram dispensadas as atenções que mereciam, motivo porque se conservaram menos do que abandonadas, até que D. João II as doou a João de Paiva, em recompensa dos serviços que este lhe havia prestado, com a condição expressa de a elas ser dado o desenvolvimento que as condições climáticas permitissem.

Convém notar que naquela época já existiam portuguezes atacados da maldita doença — a indolencia — e

João de Paiva foi também atacado desta malária, dando em resultado que, da doação que lhe havia sido feita, não resultou qualquer coisa de pratico e útil para a colónia de S. Tomé.

A 11 de Dezembro de 1493, por carta régia, foi anulada a doação, das ilhas de S. Tomé e Príncipe, feita a João de Paiva, e feita a favor de Alvaro de Caminha, o qual, logo que ali desembarcou, procurou pôr em pratica um plano de administração, por elle estudado maduramente.

Consistiu elle em mandar vir da Costa da Mina, onde Portugal possuia já um Castelo, a que foi dado o nome de S. Jorge, uma boa leva de indigenas, mas éstes, logo que puzeram o pé em terra firme, safaram-se, inter-nando-se nas espessas matas, ou florestas, o que tornou impossivel a sua procura.

Alvaro de Caminha não desanimou dos seus intentos e fez-se de vela para a Costa da Guiné, e, consegue levar consigo um bom número de nativos; não satisfeito ainda, consegue que da Metropole lhe enviem alguns condenados a degredo, bem como algumas familias judaicas.

Desta salgada resultou os actuaes nativos que, por serem oriundos de

várias raças, algumas de alguma cultura, se julgam uns seres superiores. (Não porque ainda não foi possível habitua-los aos trabalhos agricolas, tendo-se de recorrer aos braços de Angola e Moçambique, o que dá origem a culturas carissimas, o que não sacedia se fossem nelas utilizados os nativos, mas, adiante. Resolvido assim o problema do povoamento de ambas as ilhas. Alvaro de Caminha procurou valorisar o seu solo, para o que mandou ir da ilha da Madeira grandes quantidades de cana de açucar que forneceu aos cabeças de casal, que fizeram boas e extensas plantações, colhendo optimos resultados em pouco tempo.

Como em S. Tomé e Príncipe existissem madeiras de boa qualidade, Alvaro de Caminha iniciou a sua exportação, do que colheu os melhores resultados, sendo ainda hoje muito apreciadas pelos técnicos da marcenaria, principalmente.

Primitivamente os colonos de S. Tomé estabeleceram-se próximo de Ponta Figo e ali ergueram a primeira povoação a que deram o nome de Agua Ambó mas, tendo elles verificado

(Conclui na página 7)

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170
Telef. 8. 339

Consultas

pelos Ex.ºs Drs.

CARRILHO XAVIER

Partos, doenças das senhoras, Clínica Geral

TODOS OS DIAS ás 15 horas

MEDINA DE SOUZA

Médico dos Internos
Coração e Pulmões
Clínica Geral

TODOS OS DIAS das 17 ás 19 h.

Serviço nocturno ás quartas-feiras

MERCEARIA CONFIANÇA

DE

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

Dr. Alves de Sousa

A falta do espaço, inibiu-nos, de comentar a carta publicada no último número deste quinzenário e que nos foi enviada pelo Ex.º Sr. Professor Bazilio Joaquim Ribeiro Júnior.

Mas fazemo-lo hoje e deveras envaidecidos, por nos acharmos tão bem acompanhados.

Sabíamos que a memória do Dr. Alves de Sousa não estava esquecida, e que ainda existem muitos admiradores das qualidades de carácter daquelle Homem de bem, mas basta-nos ter a nosso lado a voz autorizada do illustre professor Bazilio, pessoa que a todos merece a maxima consideração, e a do Ex.º Sr. Coronel António Bivar de Sousa, que em palavras bem vibrantes, censurou acremente o erro que a Camara Municipal cometeu, para nos considerar-mos obrigado a insistir por que se preste a devida homenagem ao médico bondoso, que em vida se chamou Rodrigo Afonso Alves de Sousa.

Perante opiniões de pessoas tão abalizadas, cremos que não têm que vacilar, e que não persistirão no erro.

Aquella arteria que lhe destinaram, não é digna da sua memória; e aquelle nome não é o seu.

Sua Ex.ª o Sr. professor Bazilio,

alvitra que seja dado o nome do Dr. Alves de Sousa, á projectada Avenida a construir entre o Largo dos Jerónimos e o Caramão da Ajuda.

Não pensemos nisso. Não faltaria quem achasse coisa muito grandiosa, para quem foi tão modesto. Temos que limitar o nosso desejo.

Perdidas as últimas esperanças de obter-mos uma das ruas do Bairro, como era desejo dos seus amigos, por já estarem todas classificadas, e não nos atrevendo a suggestionar que á Rua da Junqueira, onde S. Ex.ª morou e faleceu, fosse dado o seu nome, porque essa arteria tem uma tradição secular, alvitramos que lhe seja destinada a Rua do Meio, á Ajuda, salvo melhor opinião.

Não é uma arteria com uma importancia por aí além, bem o sabemos; é mesmo mesquinha para a memória da pessoa que pretendemos glorificar, mas tem uma significação: ali viveu muitos anos Alves de Sousa; ali passou a sua infancia, no prédio que faz esquina para a Rua do Jardim Botânico, o qual, se tivesse número legivel, seria o 30.

Dir-me-ão que ha um ob-áculo: a actual Comissão Administrativa da Camara Municipal não permite a alteração de nomes de ruas. Bem sabe-

mos, também, a maçada e adoespa que isso acarreta aos proprietarios, para fazorem novos averbamentos, nas matrizes e conservatórias; mas, ante a confusão que se nota com a repetição de nomes de diversas ruas na mesma cidade, como succede com esta a que nos estamos referindo (que são nada menos de quatro, e senão vejamos: é a Rua do Meio, á Charneca; a Rua do Meio á Lapa; a Rua do Meio á Santa Izabel e a Rua do Meio á Ajuda), entendemos que é uma medida de bom senso, ir suprimindo as que são de mais, para simplificar o seu conhecimento.

E se a Camara não quiser alterar o nome das ruas, deixe ficar a Rua Dr. Rodrigo de Sousa, porque pode servir de homenagem á memória do Conselheiro Rodrigo de Sousa, irmão do Dr. Alfredo de Sousa, médico distinto falecido também ha poucos dias, e que foi pessoa de bem; e deem o nome de Dr. Alves de Sousa a uma das ruas da Ajuda, Belém ou Alcantara, que julgarem mais condigna, e terão assim cumprido um dever.

Francisco Duarte Resina.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

NÃO sei se por acaso já lhes havia dito que outro dia estava doente...

E' verdade, doente e por sinal com gripe, um forte ataque de gripe, que me punha calafrios em todo o corpo e me fazia a cabeça pesada como chumbo. Passaria toda a tarde no escritório, enregelado, sentindo avançar assustadoramente os sintomas bem conhecidos da doença tão vulgar neste tempo. Chegado a casa, e para mais encharcado, o meu primeiro cuidado foi enfiar-me na cama, e aguardar o escalda-pés de mostarda e uma boa chávena de chá de limão — o remédio aconselhado para casos tais e que, data, rezam as crónicas, já da fundação do mundo, porque, segundo consta, a nossa mãe Eva não queria outro, quando, no Paraíso, adoeceu com gripe e o nosso pai Adão...

Viagem ao outro mundo

Por AFONSO C. AÇO

Encafado na cama, coberto de roupa até ás orelhas, começando a irradiar-me pelo corpo, a quenteira do chá tomado a escaldar, sinto invadir-me um toror suavisimo, que em breve me tomava, transmitindo-me aos membros

uma lassidão suave, a ponto de me fazer estender a todo o comprido, em, que dormo habitualmente encolhido como um bicho de conta.

Sintoma aliviado do péso das roupas. Algo de extranho se passava — que não comprehendia. Parecia que o meu ser se volatilizava e começava a subir, a subir, pelas regiões etéreas, suavemente, mansamente... Tomado de espanto, reajo contra o que julgava uma alucinação dos sentidos. Não o era, porém, presto depreendi. Desprendera-me da Terra e vogava errante no Espaço! Deambulava no céu não sei com que destino!

Senti-me levado em turbilhão, numa velocidade enorme. Junto a mim perpassavam agora, velozes como bólidos, outros seres que deviam também seguir o meu destino. Dir-se iam extranhos fantasmas alados, semidivididos na nevoa indecisa que os envolvia! Sulcavam o espaço, deixando um rastro de fogo, expellindo uma fumaça negra que tressandava a enxofre.

Num distincto pendente duma fulgurante estrella via-se equilibrada uma balança simbólica e uma seta de ouro indicando uma direcção que verifiquei ser a que nós seguíamos.

Compreendi então o fim daquela viagem: a minha alma desprendera-se da terra e ia prestar no Grande Tribunal contas dos seus actos!

Não desanimei. Enchi-me de coragem e resolução. Afiz-me ao que viesse. Tempos decorreram e eu sempre a subir, a subir, numa carreira louca, sem parar. Vogava assim havia tempo de que tinha perdido a conta. De repente, sinto um choque violento. Havia chegado, porque me rodeava agora um nevoeiro baço, que mal deixava descortinar o que em volta se passava. Sonolentamente

sentado no rebordo duma nave, um homem de longas barbas, com um molho de chaves, enorme, dependurado da cinta, lia acobertadamente o Código da Estrada. Arrastei os pés pelo chão, para tornar notada a minha presença, mas, como estava sobre nuvens, não consegui o intento.

Tossi. Parecem então notar a minha pessoa. Olhou-me e remirrou-me dos pés á cabeça, interpellando-me de mansuamente?

— Vens para o grandajuste de contas, não é verdade?

— Parece que sim — atorqui para dizer alguma coisa

Pegou na chave grande que trazia á cinta, introduzindo-a na fechadura que orrea fazendo um ruído desagradável de ferrugenta...

Transpôse o limiar, eorme algazarra me chegou aos ouvidos: anjinhos, em bandos de milhento, voavam no recreo, fazendo uma lambeira dos diabos. Outros, mais socegados, entratinhavam na leitura do «Diário do Governos e do «Sempre Pés». Junto a mim, um anjito pequenino, de olhos rabellosos, olhava-me espantado, um dedito espantaloso esgaravado o nariz.

O senhor cas chaves chamou então um dos anjinhos mais espigados e disse: — Vai lá acima sobre o número de entrada deste senhor, depressa!

— Depressa, não é tão assim. O senhor bem sabe que cá em cima ainda não está descoberto o telefone — retorquiu muito aborrecido o anjinho.

Dirigi-me a um grande voo poirado sobre uma névoa. Abriu o calhamacço e, apalmando dois dedos na respeitavel lingua, deu-se em chear o grosso volume, ejas folhas acusavam o ebo e muitos acenos. Encontrou enfim a folha correspondente á minha pessoa. Curiosamente, espreeitei por cima o ombro para ver o estado da minha alma. Duas páginas uma repleta de garatujas e

sinaes cabalísticos que não compreendi; na outra apenas uma insignificante linha. O exame foi rápido. Levantou para a testa os olhos que tinha montados no respeitavel nariz, e diz-me furibondo:

— Com que outo era logo para o Céu, hein? Não faltava mais nada. Ora o traste!

Fiquei envergonhado. Sem saber o que dizer deixei-me ficar mudo e calado que nem um rato.

Por uma duzia de anjinhos dos mais crescidos mandou-me pôr fora da porta. Foi expulso sem contemplação! E eis-me de novo na solidão inensa do firmamento, nos baldios da sorte, sem destino!

Fôra regeitado no exame final e seguia agora o caminho horrível e tortuoso do inferno! Invade-me o terror, só de pensar os tormentos que me estariam reservados. Sentia já as carnes requimadas no azeite fervendo em cachão, para onde iria certamente ser lançado. Ante os meus olhos esbugalhados, via distintamente o caldeirão enorme, onde um ente extranho, munido dum incomensurável tridente, lá lançando, ás garfadas, outros que como eu estavam a um canto, em monte, aguardando sua vez.

Sentia já o horrivel instrumento trespassar-me as carnes, impetuoso, mas — extranho paradoxo — o meu corpo não accusava a sensação da dor! Sinto-me desorientado em tão extranha conjectura. Os nervos abalados atingem o cume do terror. Um suor frio alaga-me as fontes. Reajo contra mim próprio. Concentro todas as forças da minha vontade: — felizmente que aquellas extranhas céas não passavam de uma alucinada visão dos meus sentidos!

Encontro-me agora num terreno árido e pedregoso, infestado de cardos e cactos irrigados de fortes espinhos. Uma planta raquitecta punham no ambiente uma nota triste de desolação e dor. Ao fundo, um outro negro, infecto, encimado por um distincto marabro, escrito em letras formadas de ossos, tintos de sangue: — Inferno!

(Conclui na página 7)

Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanchete, Retrovisor, Retopira e Gravallari
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para serem as suas condições hygienicas

R. das Mercês, 110 a 120 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

QUESTÕES DE TOPONIMIA

Vou continuar a mostrar a incongruência na nomenclatura adoptada com as vias públicas.

Ha aqui, na freguezia da Ajuda, o Largo da Paz, a poente da Calçada da Ajuda. Partindo d'este Largo e seguindo para o norte até à Rua do Jardim Botânico, havia, como é natural, a Rua da Paz; Rua da Paz à Ajuda, pois que há uma outra Rua da Paz, aos Poiais de S. Bento. Pois esta antiga designação de Rua da Paz, foi mudada para *Rua do Laranjal*. Este nome faz-nos pensar que aqui haveria qualquer quinta com o seu laranjal; mas qual laranjal, nem meio laranjal; de laranjas, só as cascas espalhadas negligentemente pelos passeios pondo em risco de queda de algum transeunte.

Do mesmo largo partia, mas a poente, até ao Jardim Botânico, a antiga Travessa da Paz, cujo nome foi mudado para *Rua Brotero*. Ora a Santo Amaro ha a *Rua Avelar Brotero*. Pergunto agora se este Brotero, que viu o seu nome consagrado numa rua em Ajuda, e o Avelar Brotero, que viu o seu nome consagrado em outra de Santo Amaro, é a mesma e única pessoa? Sómente conheço um Brotero que se tornasse illustre e legasse o seu nome á posteridade — é o grande botânico do século XVIII, Felix de Avelar Brotero. E sendo assim há duas ruas, uma em Ajuda outra em Santo Amaro, consagradas ao mesmo vulto.

Em *Arcolena* ou *Alcolena*, como também dizem, parecendo todavia que se deveria antes adotar a forma *Arcolena*, como vem na planta de Lisboa da Antiga Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos referida a 1884, e na planta Roteiro da Cidade de Lisboa e seus arredores, publicada em 1887 por A. A. Martins e decalcada naquella, se é certo que a designação *Arcolena* deriva de *Arco de Lenha*, por neste sitio terem sido construidas as primeiras barracas com a lenha prove-

niente das combotas que serviram no edificio de Santa Maria de Belém, havia uma rua, a rua principal do local, que se designava *Rua Nova das Terras*. Pois este nome passou a ser *Rua do Galvão*, não se tendo em conta o nome antigo do local. E enquanto ao nome de *Rua de Arcolena de Baixo* que recordava a antiga designação foi mudado para *Rua das Pedreiras, Largo do Figueiredo e Travessa do Figueiredo*. Aqui está uma charada a prémio! Quem seria este famoso Figueiredo, e mais o famoso Domingos Tendeiro, ou Tenreiro, como alguns pretendem e que viu o seu nome consagrado na rua próxima!

Emquanto ao serviço de D. José que deu o seu nome á antiga Rua Nova das Terras, já ele estava consagrado na calçada que vai de Belem á Ajuda.

Havia no extremo poente da Travessa da Memória, uma passagem que dava para as terras da Memória, atravessando o antigo Regueirão do Boraco, hoje entulhado e transformado em rua sem nome — podia esta rua ter a designação de Rua do *Regueirão do Boraco*, como de resto se vê nas duas citadas plantas no nome dado ao antigo Regueirão.

Há o antigo palácio do Pateo das Vacas que dava o seu nome á travessa que a Norte liga a Calçada do Galvão com a Calçada da Ajuda. Pois esta travessa viu o seu nome mudado em Travessa do *Museu Agricola Colonial* por se ter dado esta applicação ao antigo palacio.

No extremo norte da Calçada da Ajuda, havia o antigo portão demolido quando da construção da linha electrica e cujos pedregulhos estão abandonados numa pequena meia-laranja que existe no último troço da referida calçada.

Junto da esquina nascente do antigo portão estava e está ainda um elegante

mirante de cantaria, contemporaneo da obra do palácio; este mirante dava o nome á rua que seguia até ao largo fronteiro ao cemitério; era a *Rua do Mirante* derivada da citada construção.

Pois este nome tão justificado foi mudado para Rua das Açucenas!

Parece que o antigo nome de *Rua do Mirante* já havia sido mudado em *Estrada do Cemitério da Ajuda*.

Onde estarão as açucenas? Cardos e malvas poderá ser — açucenas só alguma escura e fétida açucena ali plantada por algum caminhante noctívago! E' caso para se dizer que o illustre edil *quinou* com tão justificado critério.

(Continúa)

A. B. S.

Falecimentos

Com 78 anos de idade, sepultou-se no dia 30 p. p., no cemitério da Ajuda, o sr. Augusto Costa, que foi professor de equitação da extinta Casa Real.

Deixou viuva a Sr.^a D. Cipriana Martins Costa, e dois filhos menores, e era tambem pai dos nossos amigos Valentim Costa e José Silveira da Costa, secretarios de finanças, e avô do sr. Pedro Alves, funcionario publico.

Tambem foi a enterrar, no passado dia 6, no cemitério oriental, com 55 anos de idade, o sr. capitão António Dias, comandante do Batalhão de Caçadores 5, onde gosava de gerais simpatias. Era natural da nossa freguesia, onde nasceu em 6 de Setembro de 1879. Deixou viuva a sr.^a D. Maria Luiza da Piedade do Couto Dias, e era irmão do sr. João Dias, sub-chefe da banda da G. N. R., e dos nossos amigos Americo e Mario Heitor Dias.

No mesmo cemitério ficaram tambem depositados, na passada segunda-feira, os restos mortais da sr.^a D. Carolina da Conceição D. Vivaldo, de 67 anos de idade, senhora muito bondosa e de preclaras virtudes.

Tambem faleceu, enterrando-se ontem, a sr.^a D. Maria da Conceição Rosa, de 84 anos de idade, tia do nosso amigo sr. Fernando Pedro Duarte.

A's familias enlutadas apresenta «O Comercio da Ajuda» a sincera expressão do seu profundo pesar.

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

GERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

Os bons vinhos da Região de Mafra: Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril Calvár'o, 1



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escripturação comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Armam-se pastas de fanfria e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517

DROGARIA SANTOS

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

Drogas, produtos químicos, tintas de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELEM 220

As Colónias Portuguesas

(Continuado da 4.^a página)

que um pouco mais para leste existia uma magnífica baía, que oferecia muito boas condições para ancoradouro da navegação, baía que hoje é conhecida pelo nome de «Ana Chaves» resolveram transferir para ali a povoação, onde hoje se ergue a elegante cidade, essencialmente comercial.

Em 1512, um pavoroso incendio devastou a povoação, incendio que nem sequer poupou o melhor e mais rico edificio que ali fôra construido, a igreja matriz.

Como S. Tomé já tinha adquirido a confirmação de que o seu solo possuia grandes e esplendidas possibilidades produtoras e a sua baía era considerada o melhor pôrto de acesso para a navegação, a povoação foi reedificada sem perda de tempo, crescendo rapidamente também a sua população. De modo que S. Tomé readquiriu, em pouco mais de dez anos, a sua situação que disfrutava quando aquele cataclismo devorou a sua principal povoação.

A fama de terra fertilissima foi-se espalhando com bastante rapidez o que motivou ser bastante procurada por famílias da Metropole, para ali se estabelecerem, do que resultou apresentar um tal progresso em 1524 que, el-rei D. João III resolveu elevar a sua principal povoação á categoria de cidade.

Entretanto Alvaro de Caminha desaparece do número dos vivos, confiando a administração da colónia aos seus descendentes. Estes, em vez de seguirem a orientação daquele, começaram a praticar toda a espécie de abusos e latrocínios; a população verificando a estranha conduta dos seus governantes, resolve também enveredar pelo mesmo caminho, se não pior e, o caso é que volvido pouco, governantes e governados, tendo perdido por completo a exacta noção dos seus deveres, impõem a S. Tomé uma ora

Viagem ao outro mundo

(Continuado da página 5)

vermelho e o seu aspecto não ia longe daquele em que o venos representado nas latas do pó que mata pulgas e percevejos...

Dirigiu-se-me prazenteiro. E espetando repetidas vezes o ventre, deu com êle por trez vezes no meu, ao mesmo tempo que dizia com um riso velho:

— Dá cá uma paçadinha ao velho! Dá cá uma paçadinha ao velho!...

Um diabo pequenino subira-me para os ombros e embirrou á viva força tirar-me os oculos, tão interessantes, de aros de tartaruga. Opuz-me tenazmente. Não conseguindo o seu intento, arraucou-me uma borbulha que tinha no nariz e dum salto pendurou-se num candieiro suspenso do teto, fazendo-me caretas e deitando a lingua de fora.

O Diabo dirigiu-se-me então, mas desta vez vinha sério:

— Com que então, meu rapaz, foste regitado lá em cima, não é verdade?

— E' verdade, senhor Diabo, não sei porque, não me aceitaram lá.

— Não te importes, que não perdes nada com isso. Ficas comigo — verás que te dás bem. E como sei que lá em baixo te occupavas nas funções do «Deve» e «Haver», vou nomear-te meu secretário particular. Ficas encarregado de escripturar as entradas e saídas cá da casa.

— Está bem, senhor Diabo, seja o que o senhor quizer.

— Mas — continuou — preciso primeiro submeter-te a uma prova rude, preliminar, para avaliar a tua pessoa, para ver se posso contar contigo.

E, sem mais aquelas, deu-me um safanão que me fez perder o equilibrio. Senti-me

tragado pelo chão abaixo, envolto em ondas de espuma. Era levado numa torrente de água negra, correndo violenta, impetuosa, num canal escuro aberto na rocha, pelo ventre da qual se entranhava negro, interminavel. Flutuava ao sabôr das ondas, envolto nas águas em redemoinho. O meu corpo, roçando pelas arestas vivas das saliências rochosas, dilacerava-se aos poucos, as carnes rasgadas em frêmitos de dôr. A corrente, afogada súbito numa garganta estreita, enovelava-se em turbilhões rugindo pavorosos, sem fim. As águas, arfando com violência, despenhavam-se em catadupas, caindo temerosas em impetuoso cachão. Sinto-me arremessado para uma clareira aberta na rocha onde ardia, brilhante, colossal fogueira, cuja claridade deslumbrava e cegava a vista pelo imprevisito. Sentia nos olhos a impressão extranha causada por aquela súbita claridade.

De repente, como por encanto, tudo mudou. Os ruidos extinguiram-se aos poucos, para em breve ficar tudo mergulhado em impenetrável silencio. Sinto-me deitado horizontalmente, atordoado, a cabeça pesada, com ressaibos de febre. Ergo a mão á frente, que gotejava suor com violência. Soergo-me e esfrego os olhos de mansinho — e eis que me vejo no meu quarto, o sol, despontando radioso, batendo-me de chapa nos olhos congestionados!

Mudo de espanto, então compreendi: — o forte ataque de gripe fizera-me delirar toda a noite, e tudo aquilo não passava felizmente dum sonho, duma extraordinária e maquiavélica visão!

FIM

de desordem, situação a que foi posto fim, alguns anos depois, por carta régia do infelizmente D. Sebastião, pela qual a colónia foi incorporada na Metropole, para efeitos de administração.

E bem avisado andou o monarca porque, a manter-se a colónia naquele estado caótico, não poderia resistir, em 1574, á tentativa dos francezes no sentido de se apoderarem dela.

S. Tomé, apesar das magnificas condições do seu solo, que facilitava o seu progresso, durante os primeiros tempos, sofreu enormes contra-tempos, parecendo que tudo se coligava para contrariar o seu desenvolvimento.

E' d'êste assunto, principalmente, de que nos occuparemos na nossa proxima crónica.

Agostinho António.

Aos nossos colaboradores

A todas as pessoas que nos têm honrado com a sua valiosissima colaboração, lembramos a conveniência daqui para o futuro, de nos enviarem originaes mais pequenos, visto que é grande o número de colaboradores e em todos os números nos ver-mos forçados a reter original, o que bastante nos contraria.

BILHETES DE VISITA

desde 4\$00 o cento

C. da Ajuda, 176 - LISBOA - Telefone B. 329

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefne B. 427

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mês

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 496

≡ SALÃO ≡

TELEF. B. 124

PORTUGAL

Travessa da Memória — Ajuda

Sábado 12 e Domingo 13 — As grandiosas e sensacionais super-produções

Catarina da Russia — Uma Rapariga Feliz

Segunda-feira, 14 — A Canção do Bandido e Uma Alma Livre.

Dias 16 e 17 — **Melodia Proibida**, com José Mojica, e **Os teus lábios enganam**, com Lillian Harvey.

Dias 18, 19 e 20 — **O CANTICO DOS CANTICOS**, com Marlene Dietrich, e outros filmes.

Dia 21 — **Anny mulher de negocios**, com Anny Ondra e **Quando os estrangeiros se casam**, com Jack Holt.

Dia 23 — **O Malvado Zaroff e Duas gerações**.

Dia 24 — **RASPUTINE E A IMPERATRIZ e Loucuras de Amor**.

A seguir — **MASCARAS DE CERA**.

BREVEMENTE: Inauguração da explanada, com cinema ao ar livre, e outros atractivos.

Aparelhagem sonora **KLANGFILM TOBIS**, ultimo modelo, propriedade da Empresa.

TELEF. B. 99 ≡ CINEMA ≡

PALATINO

R. Filinto Elisio (Alto de Santo Amaro)

Sábado 12 e Domingo 13 — As sensacionais e excelentes super-produções

Melodia Proibida

com José Mojica, e

Não deixes a porta aberta

Maravilhosa cine-opereta

Segunda-feira, 14 — **MATA-HARI**, com Greta Garbo e Ramon Novarro, e **SALVAJAS MULHERES**, com Bucha e Estica.

Dias 19 e 20 — **MALVADO ZAROFF e DUAS GERAÇÕES**.

Dia 21 — **SENSACIONAL ESPECTACULO**.

Dia 23 — **ARMADA AZUL e A CANÇÃO DAS MÃIS**.

Dias 26 e 27 — **O DILÚVIO e HEROIS DO AR**, com Ramon Novarro.

II excursão anual

promovida por
"O Comércio da Ajuda"

Continuamos transcrevendo, da excelente publicação «Estradas de Portugal», a descrição das belezas naturais, maravilhosos panoramas e grandiosidade dos monumentos que se encontram na vasta e bela região que «O Comércio da Ajuda» escolheu para objecto da sua II excursão anual:

«Entramos em **Alcobaça**, vila de 2.661 habitantes, sob a deliciosa impressão de sombra e águas murmuras deixada pela passagem entre lindos pomares, até que se depara com a massa magestosa do mosteiro, em cujas celas habitou a mais poderosa congregação do Reino.

A igreja conventual, do sec. XII, é a maior de Portugal, e, segundo Bertaux, «a mais pura e magestosa de quantas os monges cistercienses erigiram em toda a Europa». Entrar no templo para admirar a vastidão das naves, livres de toda a decoração, como certamente o quiz S. Bernardo, a ábside circular envolvida, em charola, por uma aureola de capelas radiantess.

Na sala dos túmulos repousam, em magníficos mausoléus, obras primas da nossa estatuária, D. Pedro e D. Inez, com os pés voltados um para a outro para que, segundo a lenda, eles se vissem frente a frente e com os olhos nos olhos do dia da Ressurreição. Lembremo-nos de que pela estrada que leva a Coimbra veio o cadáver da que depois de morta foi rainha, de Santa Clara até Alcobaça, por entre cirios acesos.

Não deixemos, porém, o templo sem dar uma vista de olhos á porta da sacristia (de João de Castilho), em que dominam as arborescencias, ramos e troncos nodosos do manuelino, mas em que já floresce a Renascença nos arabescos das ombreiras

Do jardimzito das Murtas, no sec. XIX convertido em cemitério e onde a capela da

Senhora do Desterro põe uma discreta nota setecentista, pode vêr-se o exterior da ábside, com a sua coroa de arcos botantes. Visitar ainda o *Claustro do Silêncio*, maravilhoso de ordenação no seu piso terreo (da época dionisiaca; o andar superior, manuelino, é da empreitada dos Castilhos), a biblioteca e a monumental cosinha, atravessada por um braço do Alcoa, e em cuja lajeira se poderiam assar ao mesmo tempo seis ou sete bois».

(Continúa).

O trajecto da excursão é, como já dissemos, Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazaré,

Alcobaça, Batalha, Leiria, Fátima, Tomar, Torres Novas e Santarém.

A excursão efectuar-se-ha, em autocarro, nos dias 12 e 13 de Agosto próximo, e o preço completo da passagem, 67\$50, pagavel em prestações.

Pelo programa das excursões a Fátima, anunciadas diariamente, vê-se ser a nossa mais económica, pois que inclui ainda a visita a Leiria, com a vantagem, muito de ponderar, de os excursionistas partirem e chegarem à Ajuda.

Laboratórios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmaceutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quarleis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis
Serviço de pensos esterelizados para OPERAÇÕES E PARTOS

SOROS, SÉDAS, CATGUT, DRENOS, CRINAS, LAMINARIAS, ALGODÕES, GAZES, COMPRESSAS, TAMPÕES, LIGADURAS, ETC., ETC.

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL: CONSULTAS MÉDICAS DIÁRIAS

pelos Ex.ªs Srs.

Dr. Virgilo Lopes de Paula — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 11 horas.

Dr. João Pedro de Faria — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

Dr. Julio de Carvalho — às terças, às 9 h.

Dr. Schiappa Monteiro — às terças, quintas-feiras e sábados, às 14:30 horas.

Dr. Manuel de Lucena — às terças-feiras às 16 horas

Dr. Manuel Henriques Leitão — Todos os dias às 18 horas.

Avia-se recituario de todas as Associações
SERVIÇO NOCTURNO, ÀS QUINTAS-FEIRAS
Especialidades nacionais e estrangeiras